

Ricardo Pimentel Mélló > **“Diz a ela que me viu chorar”:  
Amores e dores na Cracolândia>>**

### Resumo

O texto faz uma análise do filme *Diz a ela que me viu chorar*, da jovem diretora Maíra Bühler, vencedor da mostra competitiva do 8º Olhar de Cinema – Festival Internacional de Curitiba. É resultado da vivência da cineasta na região da Cracolândia, em São Paulo, ao longo do segundo semestre de 2016, em um “hotel social” do Programa “De Braços Abertos” (DBA), da gestão Fernando Haddad, que se propunha cuidar das pessoas que habitam ou perambulam naquela região e que fazem uso abusivo ou compulsivo de substâncias psicoativas, sob a perspectiva da Redução de Danos. É um filme etnográfico, no sentido de fluir se compondo na experiência relacional das personagens, tornando a Cracolândia um território vivido (em vez de só fumado), acompanhando a vida de pessoas cuja maior reivindicação é viver seus amores e suas dores, sem que tenham seus corpos atravessados por balas ou por nossos julgamentos preconceituosos.

**Palavras-chave:** Arte Etnográfica. Experiência Relacional. Cinema. Cracolândia. Drogas.

>Professor titular do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (graduação e pós-graduação), onde coordena o Núcleo de Estudos sobre Drogas (NUCED).

**ORCID ID: 0000-0002-9990-3837**

>>Versão ampliada de apresentação realizada no Cine Dragão do Mar, em Fortaleza, durante o lançamento do filme *Diz a Ela Que Me Viu Chorar*, nessa cidade, na presença de sua diretora, Maíra Bühler, em 17 de novembro de 2019.

COMO CITAR:  
TEIXEIRA, A. C. DE A., & BAIO, C. (2020). MAPA, IMAGEM E REGIME DE VERDADE. REVISTA VAZANTES, 4(2), 75-92. [HTTPS://DOI.ORG/10.36517/VAZPPGARTESUF2020.2.60827](https://doi.org/10.36517/VAZPPGARTESUF2020.2.60827)

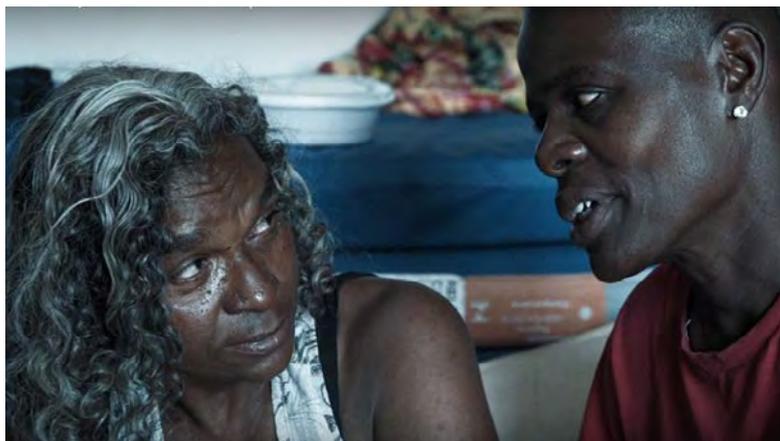
Ricardo Pimentel Mélo **“Tell she who see me cry”:  
Loves and pain in Craco**

**Abstract**

The article analyzes the film “Tell her that she saw me cry” by the young director Maíra Bühler, winner of the competitive exhibition at the 8th Olhar de Cinema - Curitiba International Festival. It is the result of the filmmaker’s experience in the region of Cracolândia, in São Paulo, during the second semester of 2016, in a “social hotel” of the Open Arms Program (DBA), of the Fernando Haddad management, which proposed to take care of people whom live or wander in that region, and who abused or compulsively used psychoactive substances, from the perspective of Harm Reduction. It is an ethnographic film, in the sense of flowing composing itself in the relational experience of the characters, making Cracolândia a lived territory, less than just smoked, following the lives of people whose greatest claim is to live their loves and their pains, without having their bodies crossed by bullets or our prejudiced judgments.

**Keywords:** Ethnographic Art. Relational Experience. Film Studies. Drugs.

Fonte: Teaser in <https://canalbrasilimprensa.com.br/diz-a-ela-que-me-viu-chorar/>



As ações relacionadas às pessoas em situação de rua, em nosso país, iniciaram-se com assistencialismos no Brasil colonial, com a falsa libertação de escravos negros e o abandono dessas pessoas, que passaram a perambular pelas ruas (MARINGONI, 2018). De lá pra cá, sob o ponto de vista de políticas públicas, nada mudou de modo consistente, a não ser por algumas poucas ações de cuidado a essas pessoas, a partir de posturas políticas solidárias e libertárias. Mas, de modo hegemônico, permanecem resquícios fortes de ações assistencialistas, com posturas de comiseração (MATOS, 2006; FILGUEIRAS, 2019), as quais servem mais para aliviar a consciência de alguns, por considerarem que tais ações lhes permitiriam obter um certo lugar no céu virtuoso de determinadas religiões estatisticamente predominantes.

Uma das mais antigas e respeitadas instituições da sociedade civil, que desenvolve ações de redução de riscos e danos sociais e à saúde de pessoas em situação de rua, associados ao uso de drogas, desde 1998, na cidade de São Paulo, o “Centro de Convivência É de Lei” descreve muito bem a situação discriminatória impingida às pessoas em situação de rua, as quais, primeiramente, são marcadas pelo estigma social em preconceitos que emergem de diversas formas, quer em espaços públicos, quer dentro dos serviços públicos de saúde e de assistência, tanto por parte de servidores e servidoras como também das pessoas que fazem uso desses serviços:

Na experiência do É de Lei, a garantia de direitos, como o acesso a serviços públicos de saúde e assistência social, é dificultada por conta dos marcadores/estigmas que se sobrepõem. Pessoas que vivem em situação de rua, por exemplo, exatamente por esta condição, enfrentam inúmeras barreiras no atendimento público. Essa situação é agravada a depender de outros marcadores: mulheres, mulheres gestantes, população LGBTQ+, negras e negros, migrantes, pessoas em situação de sofrimento psíquico, pessoas com passagem no sistema de justiça criminal, pessoas em situação de prostituição, pessoas vivendo com HIV e pessoas que fazem uso de drogas.  
(...)

É importante ressaltar que muitas vezes os estigmas e as discriminações não atuam de maneira independente. Por exemplo, uma mulher negra, lésbica, usuária de crack, gestante e com passagem pelo sistema de justiça criminal

irá vivenciar e experienciar a sobreposição destas categorias sociais, se manifestando em opressões, violências e barreiras de acesso. Compreender a relação entre esses marcadores é fundamental para garantir o acesso à saúde e a qualidade de vida. (CENTRO DE CONVIVÊNCIA É DE LEI, 2020, s/p).

Em todas as ações do Núcleo de Estudos sobre Drogas do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (NUCED), sejam de extensão com trabalhadoras do sexo, sejam em Acompanhamentos Terapêuticos (AT) de pessoas em Centros de Atendimento Psicossociais Álcool e outras Drogas (CAPS-ad), sejam ainda em variadas pesquisas, com pessoas como as que são personagens do filme, emerge o diagnóstico de que, majoritariamente, elas são negras, empobrecidas e expulsas para as periferias das cidades, por sofrerem os efeitos de estratégias higienístico-urbanísticas neofascistas, sob a desculpa de Guerra às Drogas, alijadas de cuidados em saúde que favoreçam sua autonomia. Por conta dessa justificativa genocida, tais pessoas são mortas ou presas em cadeias ou em clínicas manicomiais. Destarte, em muitos lugares do mundo, a falida política de Guerra às Drogas está sendo substituída por cuidado em saúde (BURGIERMAN, 2011), todavia, "(...) a criminalização da conduta de portar droga para consumo próprio ainda é criminalizada no Brasil, embora seja unanimidade que o fato não agride bem jurídico alheio, portanto, o Estado não está autorizado a intervir penalmente." (LIMA; LIMA, 2015, s/p).

Estratégias higienístico-urbanísticas neofascistas, mais do que nunca, colocadas em práticas por governos que não toleram diferenças, pressionam a vida de "pessoas em situação de rua", cujas histórias passam diante de nossos corpos bem sentados e aclimatizados nas telas de cinema, por meio do filme *Diz a ela que me viu chorar*. Desejo que tal conforto facilite a cada uma e um, que o assistirem, a se colocarem, de modo prático, ao lado dessas pessoas. Quem está em situação de rua, seja porque quer, seja porque é obrigado a permanecer assim pelo sistema excludente, deve receber nosso cuidado solidário, em vez de nossa omissão, a qual ajuda a perpetuar seus sofrimentos e desesperanças. O filme faz desfilar, diante de nossos corpos bem acomodados, dores e alegrias de pessoas que estão presentes em nossas vidas a cada vez que saímos de nossos abrigos caseiros ou profissionais, a fim de transitar nas ruas.

Dirigido pela jovem Maíra Bühler, o filme foi vencedor da mostra competitiva do 8º Olhar de Cinema – Festival Internacional de Curitiba. É seu quarto documentário (o primeiro que dirige sozinha), já tendo feito *Elevado 3.5*, *Sonhou que eu Morri* e *A Vida Privada dos Hipopótamos*. O filme em foco é resultado da vivência da cineasta na região da Cracolândia, em São Paulo, ao longo do segundo semestre de 2016, em um "hotel social" do Programa "De Braços Abertos" (DBA), da gestão Fernando Haddad, o qual se propunha cuidar das pessoas que habitam ou perambulam naquela região e que fazem uso abusivo ou compulsivo de substâncias psicoativas, sob a perspectiva da Redução de Danos.

*Diz a ela que me viu chorar* é um filme etnográfico, no sentido de fluir se compondo na experiência relacional das personagens,

tornando a Cracolândia um território vivido, em vez de só fumado. Temos o privilégio, por meio do filme, de acompanhar a vida de pessoas cuja maior reivindicação é viver seus amores e suas dores, sem que tenham seus corpos atravessados por balas ou por nossos julgamentos preconceituosos.

Quero lhes contar, brevemente, sob as ironias do acaso que foram transversalizando a minha vida e a relacionando a esse filme. Estive na mesma região onde aconteceram as filmagens, por três vezes. A primeira, um dia depois de dois políticos do PSDB (o ex-prefeito de São Paulo e atual governador Dória e o ex-governador Alckmin) deslançarem a maior operação policial já vista na região conhecida como Cracolândia (carinhosamente chamada de Craco). Já era início de noite e, após participar com colegas de um evento na PUC-SP, fomos a um lugar próximo para comer.

Uma das pessoas na mesa começou a receber mensagens da invasão policial destruidora. Era a professora e pesquisadora Cristina Vicentin, a qual tinha uma orientanda psicóloga que integra a equipe do Programa “De Braços Abertos”, criado durante o governo Hadadd. Ficamos todos muito tensos com a segurança de profissionais e moradores<sup>1</sup> da Craco, porém, fomos aconselhados a não irmos à região, que estava totalmente cercada e de que não conseguiríamos chegar perto. Foi uma ação como outras, sem sucesso, a não ser por destruir o que ainda restava do Programa “De Braços Abertos”. Mesmo com todas essas destruições e com receios, Cristina, Cristiano Ribeiro Vianna<sup>2</sup> e eu fomos, no dia seguinte, para a Craco. Lá, além de destruição e desespero de pessoas que viviam nas ruas e de alguns outros moradores que estavam perdendo tudo o que tinham conseguido construir por gerações, encontrei profissionais do “De Braços Abertos”, os quais buscavam dar apoio para todas essas gentes.

Esse Projeto foi criado, como foi frisado, no governo do ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (acadêmico, advogado e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores), com o objetivo de implantar ações intersetoriais e integradas nas áreas de assistência social, direitos humanos, saúde e trabalho. Essa iniciativa obteve bons resultados, implementando políticas públicas na perspectiva da Redução de Danos, oferecendo renda, moradia e assistência em saúde. A maioria das pessoas atendidas pelo Projeto era constituída por homens com mais de 30 anos; 53% retomaram contato com suas famílias; 87,9% dos usuários de *crack* reduziram o consumo da droga; 73% ingressaram na frente de empregos oferecida pelo Programa; 84% conseguiram emitir documentos. E tudo com o detalhe de que não se exigia abstinência, nem internação compulsória (TEIXEIRA; LACERDA; RIBEIRO, 2018).

Na Craco, fomos a vários lugares, dentre eles dois hotéis, como esses que aparecem no filme, os quais estavam praticamente vazios, mas com vários técnicos da equipe já demitida do “De

1 Palavra interessante que junta, como no filme, amores e dores: (a) morador(es).

2 Cristiano, é psicólogo e mantinha, em parceria com o coletivo artístico “Casadalapa”, um trabalho importante na região, por meio de um projeto chamado “Casa Rodante”. Utilizavam uma casinha de madeira com formato lúdico, construída sobre a carroceria de uma caminhonete, que abrigava material para oficinas de arte, cultivo de plantas e ações educativas. Realizavam intervenções incentivando as pessoas que viviam nesta região a cuidar do espaço público e favorecer a convivência em respeito e afeto mútuos.

Braços Abertos”, em busca de notícias dos moradores expulsos, até dos hotéis. Em um deles, na sala reservada para os profissionais que participavam do “De Braços Abertos”, em revezamento 24h, havia um quadro de avisos onde estava escrito “*amor fati*”. E isso reverberou em mim. Essa frase tem relação direta com o filme, como veremos adiante.

Retomando. Pouco mais de um ano depois, fui convidado para uma banca de mestrado de uma pesquisa que tinha como título *Uma sala na Cracolândia de São Paulo ou uma heterotopia de Braços Abertos*, realizada por uma psicóloga chamada Lilian Oliveira, que era exatamente quem mandava mensagens para Cris, quando estávamos naquele bar/restaurante nordestino, e que integrava a equipe do tal hotel, que tinha o tal quadro escrito “*amor fati*”. Para completar essa rede de “tranceiras rizomáticas”, no dia da defesa da Lilian, conheci Isadora, que, um tempo depois, me ligou, “convidando” (ou, como disse “delicadamente, me intimando”) para participar de um debate com a Diretora Maíra, que lançaria o filme na cidade de Fortaleza (CE).

Esses rizomas que incluem diversos acontecimentos, pessoas e lugares, se fazem rede muito importante, neste momento tão grave de pandemia e políticas neofascistas que tanto precisam do “*amor fati*”. Este é um conceito nietzschiano, que cito por ter muita relação com o filme e com as nossas vidas de resistências. Declara Nietzsche:

A vida para mim tornou-se leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado (...). Minha fórmula para a grandeza do homem é o *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo (...), mas amá-lo. (NIETZSCHE, 1908/1995, §10, p. 51).

Isso significa dizer um “sim” dionisíaco à vida, a fim de que ela flua, sem esconder dores e desamparos, e até amá-los como parte de nossos aprendizados. O filme nos compele a esse “*amor fati*” em função do qual vivemos no contemporâneo. Explicarei, brevemente.

Aquelas pessoas que participam do filme vivem momentos de mal-estares, intrínsecos da cultura e vida humana (FREUD, 1929/1994). Mas as personagens têm pouca oportunidade de falar sobre isso, porque são transformadas em males da sociedade e demonizadas. Esse filme reverbera contra os neofascismos, por meio de sua projeção pelo mundo afora, em fluxos libertários. Esta tem de ser a nossa primeira observação: o filme de Maíra funciona como dispositivo que desencadeia uma constelação de possibilidades de resistência ativa, diante das destruições da Craco, da destruição da vida daquelas pessoas que lá moravam, da destruição de todo setor da Cultura, criativo e crítico, em órgãos no Governo Federal. Toda a cultura libertária brasileira está sofrendo golpes intensos, esse filme e outros, os quais estão sendo censurados, abrem-se como resistência gestada no escurinho das salas de cinema, que depois viram posicionamentos críticos nas luzes do dia e da noite das cidades por onde ele é projetado. Esse filme ajuda a tornar visível a vida dessas pessoas — ignoradas pelo cuidado

e solidariedade, e lembradas com asco e violência —, quebra o silêncio, “desafia noções prevalecentes” (SCOTT, 1998, p. 298) e descortina outras possibilidades de entendimento das situações vividas por elas.

Portanto, nossos agradecimentos a todas e todos que favoreceram a construção desse filme. E agradecimentos a Maíra, mulher, por participar desse coletivo de sabotagem à tentativa de uns, em fazer prevalecer a vida fascista, pessoas intolerantes que ignoram solidariedade no cuidado do outros, especialmente quando esses outros são considerados diferentes e sem importância.

Como ressalta Criolo:

Desigualdade faz tristeza  
Na montanha dos sete abutres alguém enfeita sua mesa  
Um governo que quer acabar com o *crack*,  
Mas não tem moral pra vetar comercial de cerveja.

Ou como enfatiza Elza Soares:

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
Que vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos

Essa potência ativa do filme *Diz a ela que me viu chorar* advém das personagens, que nos mostram afetos diversos, não como uma categoria essencialista que aparece no corpo de alguém ao nascer, circunscrevendo esse corpo em uma identidade fixa como sendo corpo negro, empobrecido e incapaz. No entanto, seu filme, por meio da potência ativa das personagens, salta da tela em afetos diversos, os quais se fazem em um processo de “apropriação existencial” em “contínua criação” de maneiras de viver heterogêneas (GUATTARI, 2019). Afeto não é um sentimento individual, todavia, implica fluxos diversos que nos atravessam, impelindo-nos a sermos de uma determinada maneira.

Vemos personagens desfilarem suas dores e alegrias, como se fossem “refrões” que se repetem e sintetizam o conteúdo de uma música. No filme, os “refrões” são as circunstâncias de vida das personagens, que se repetem em outras vidas de pessoas negras, empobrecidas e nômades nas cidades, em padrões de existência que não podem mais caber em seus corpos.

Essa pressão de padrões de vida higienistas e excludentes nos leva a buscar saídas, as quais podem apenas nos dar um certo alívio, como abrir um botão de nossa apertada roupa para respirar melhor. São saídas que nos dão alívios momentâneos, como o Projeto “De Braços Abertos” e outros. Saídas como o uso de drogas que permitem continuarmos vivos. Entretanto, sem que troquemos as roupas de padrões neofascistas, que nós também reproduzimos e nos apertam, permaneceremos fixos no refrões da dor, sem “*amor fati*”.

A Craco e tantos outros territórios habitados por humanos, em conexões com não-humanos, são “territórios existenciais” (GUATTARI, 1992). Infelizmente, as estratégias políticas

higienístico-urbanísticas neofascistas resumem territórios existenciais potentes (como a Craco) ao uso de drogas, ao tráfico de drogas, à mendicância e à “vagabundagem”. A seletividade racial e econômica dessas políticas salta aos olhos, aos ouvidos e vibra todo o nosso corpo de afetos de indignação. Tentam naturalizar as políticas de morte organizadas por agressões policiais e o desprezo a essas vidas nômades expressas nessas personagens, naquilo que Foucault (2004) chamou de “Tanatopolítica”. Isso significa que “(...) o Estado tem interesse em que (...) parcelas marginalizadas da sociedade, se configurem como vida nua e permaneçam em situação de abandono, expostos à morte” (SCISLESKI *et al.*, 2016, p. 89), entendendo morte como não apenas “(...) a extinção da vida biológica estrita, mas como a desqualificação dessa vida, através do acesso a bens culturais, educação e família, entre outros.” (SCISLESKI *et al.*, 2016, p. 92).

O filme mostra um “refrão” que precisa acabar: alguns privilegiados podem existir com suas dores e amores, enquanto a outros não lhes é permitido. Como disse uma personagem diante da televisão: “Ninguém sabe que eu existo”. Ou seja, ela não pode pagar para consumir felicidade e ninguém se importa com suas dores.

Precisamos de outro “refrão”, fundado na “ética do cuidado”, que vem esmorecendo diante do “refrão” da “ética do consumo” (MÉLLO, 2016, 2018). Proliferam em nosso mundo capitalístico produtos atrelados a maneiras de viver, exacerbando a euforia e a obrigação de termos de ser alegres. Proliferam produtos que prometem nos ajudar a termos amores perfeitos, profissões perfeitas etc.

O filme, desde o seu título, *Diz a ela que me viu chorar*, expressa o sofrimento/desamparo peculiar a todas as vidas humanas, inclusive àquelas vidas privilegiadas, cantadas pelos personagens do filme, as quais “choram de barriga cheia”. Aliás, é ótimo quando uma personagem diz que já fez tudo de bom e de ruim, excluindo matar e morrer, porque estamos solidários com ele: cada um de nós humanos também estamos longe de sermos virtuosos, por sermos brancos e comermos bem. Também fizemos e faremos coisas “boas” e “ruins”. Coisas que nos levam à mesma fogueira das paixões de dores e alegrias. Em outras palavras, sofrimentos e desamparos devem ser passaportes que nos permitam continuar a viagem da vida, potencializando-a e diversificando-a, para além de qualquer fixidez identitária, seja em amores/sofrimentos, seja em amores/alegrias. Como mostra o filme, a vida nos conduz a inevitáveis rupturas e desterritorializações, as quais, em algum momento, podem nos fragilizar, ainda mais se nos fixarmos na reprodução infinita de cenas vitais que acreditamos evitarem sofrimentos. A expansão da vida trágica é um lançar-se na experimentação de ousar viver. Essa ousadia se fez na escolha da perspectiva traçada por Maíra, no filme, e deverá assim prosseguir em cada uma e um que o assistir: o efeito é atrever-se a ver a (sua) vida, a Craco, as pessoas em situação de rua, para além dos “filmes-mesmices”, que, colonizando nossos desejos, nos aprisionam em determinados modos de viver. Trata-se de engendrar múltiplos e mutantes territórios existenciais.

A “ética do consumo”, no contemporâneo, vai em sentido

contrário da expansão de territórios existências. Ela está nos impedindo a ingerir substâncias, como algumas drogas ilícitas ou lícitas, medicamentos, sob a promessa de felicidade eterna e instantânea. É como se pudéssemos comprar, conforme nosso *status* financeiro, o consumo de felicidade, evitando dores e desamparos. Evitando o “*amor fati*”. Como se as dores e desamparos não permitissem criatividade e fluidez à vida. A ética do consumo quer que vivamos as dores como se estivéssemos “ameaçados de desintegração, com um sentimento de vazio.” (MÉLLO, 2016). Ou seja, a busca da felicidade completa acabou por excluir a dor e a frustração como parte integrante da vida, instituindo a “tirania da felicidade” (MÉLLO, 2016). Aprendemos com Freud que toda cultura gera algum mal-estar. Com Nietzsche, que a resposta aos mal-estares é o “*amor fati*”, a criatividade, o nomadismo diante dos padrões. Certamente, podemos afirmar que, na nossa cultura, há proliferação de utilização de diversas drogas, com usos abusivos e compulsivos, como característica de um mal-estar de nossos tempos, em face da ilusão da completude humana (MÉLLO, 2016, 2018).

Que o filme nos impulse a buscar nosso autocuidado, entretanto, também o cuidado solidário e os modos de potencializar a vida, em vez de torná-la cadeia de sofrimentos. Vamos escapar, como fazem algumas das personagens do filme, de certas disciplinas hegemônicas, de sorte a nos mantermos nômades e errantes pelas cidades, combatendo corpos rigidamente constituídos.

Tenho certeza de que as “tanatopolíticas” existem, porque há governantes e governados que preferem que corpos nômades desapareçam de suas vistas e do mundo, de maneira a não despertar nomadismos sabotadores da ética do consumo e do neofascismo. Há quem, efetivamente, produz algo, como um texto ou um filme, simplesmente para “aceder ao silêncio” (SANTOS, 2019) e, resignado a forças higienistas, esmaga o desejo criativo e libertário. Maíra seguiu caminho ético totalmente inverso e produziu um filme que grita, denunciando que, se há corpos fumantes, bebericantes na Craco e em outro qualquer lugar do universo, é porque são corpos cantantes, poetizantes, amantes – e que choram. O filme e Maíra não acederam ao silêncio.

## Referências

- BURGIERMAN, D. R. **O Fim da Guerra**: a maconha e a criação de um novo sistema para lidar com as drogas. São Paulo: Leya, 2011.
- CENTRO DE CONVIVÊNCIA É DE LEI. **Perguntas e respostas**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://edelei.org/pr-perguntas-e-respostas/>. Acesso em: 22 out. 2020.
- DIZ A ELA QUE ME VIU CHORAR. Roteiro e direção: Maíra Bühler. Produção: Klaxon Cultura Audiovisual. Coprodução: Canal Brasil; África Filmes. Distribuidor brasileiro: Vitrine Filmes. Brasil, 2019, 86 min.
- FILGUEIRAS, C. A. C. Morar na rua: realidade urbana e problema público no Brasil. **Cad. Metrop., São Paulo, v. 21, n. 46, p. 975-1003, set./dez.**, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4613>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. Org. de Manoel Barros da Mota. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa.

- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Obras completas**, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Trabalho original publicado em 1929).
- GUATTARI, F. **Caosmose**; um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, F. Ritournelles et Affects existentiels. Tradução de Cristina Thorstenberg Ribas. **GIS; Gesto, Imagem e Som**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 383-397, out. 2019. (Trabalho original publicado em 1989). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/gis/article/download/162385/157191/>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- LIMA, W. C.; LIMA, W. C. Políticas públicas e redução dos danos causados pelas drogas: uma análise criminológica e paradigmática do exemplo do Programa de Braços Abertos de São Paulo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, XII; MOSTRA DE TRABALHOS JURÍDICOS CIENTÍFICOS, VIII. Santa Cruz do Sul (RS): Editora EDUNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC), 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/13054/2203>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- MARINGONI, G. O destino dos negros após a Abolição. **Revista Desafios do Desenvolvimento (IPEA)**: Brasília, Ano 8, Edição 70, p. 34 - 42, 01 dez. 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23). Acesso em: 18 dez. 2018.
- MATTOS, R. M. **Situação de rua e modernidade**: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade. 2006. 244 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.
- MÉLLO, R. P. As drogas cotidianas em tempos de sobrevivência. In: VIEIRA, L. L. F.; RIOS, L. F.; QUEIROZ, T. N. de (Org.). **A problemática das drogas**: contextos e dispositivos de enfrentamento. Recife: Editora UFPE, 2016. p. 20-53.
- MÉLLO, R. P. **Cuidar? De quem? De quê?** A ética que nos conduz. Curitiba: Appris, 2018.
- NIETZSCHE, F. **Ecce homo**: como alguém se torna o que se é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (Trabalho original publicado em 1908).
- SANTOS, L. G. dos. Às voltas com Lautréamont. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- SCISLESKI, A. C. C. et. al. Racismo de Estado e tanatopolítica: reflexões sobre os jovens e a lei. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 28, n. 1, p. 84-93, 2016.
- SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev.** 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>. Acesso em: 13 abr. 2012.
- TEIXEIRA, M. B.; LACERDA, A.; RIBEIRO, J. M. Potencialidades e desafios de uma política pública intersetorial em drogas: o Programa “De Braços Abertos” de São Paulo, Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28 n. 3, p. 01-25, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2018.v28n3/e280306/pt>. Acesso em: 18 fev. 2019.